

ELE E NÓS

Idealizado por dona Sarah Kubitschek e projetado por Oscar Niemeyer, o Memorial JK quase foi riscado do mapa pelo governo militar. Hoje, recebe 80 mil visitantes por ano

Memória preservada

Nahima Maciel
Da equipe do **Correio**

Uma confusão provocada por boatos quase impediu a inauguração de o Memorial JK, em 12 de setembro de 1981. Semanas antes do monumento ser aberto ao público, os mais de 180 operários que trabalhavam na obra retiraram os tapumes de madeira que envolviam o pedestal em concreto à frente do prédio. Era um final de tarde com céu limpo. Então governador do Distrito Federal, Aimé Lamaison recebeu telefonema do coronel Affonso Heliodoro, ajudante de ordens de Juscelino durante mais de 15 anos. “Vamos ali fora ver que beleza, tiraram as madeiras!”, comemorava. Foram os dois. Do jardim em frente ao Palácio do Buriti, avistaram a meia-concha em cima do enorme pedestal de 28 metros de altura. “Ficamos os dois olhando aquele perfil do monumento no pôr-do-sol”, lembra Heliodoro.

No dia seguinte, a confusão estava armada: haviam (o coronel não sabe ao certo quem, mas acha que a intriga veio tanto dos militares quanto da oposição) decidido que a meia-concha lá do alto era a foice da bandeira comunista. Lamaison recebeu dezenas de telefonemas da alta-patente do governo querendo saber como um símbolo de extrema esquerda fora parar no alto do pedestal. Destruir era a ordem. Oscar Niemeyer, autor do projeto, negava tudo. E claro, poucos acreditavam – afinal, Niemeyer, esse sim, era comunista assumido.

Quando a estátua de Juscelino chegou à cidade para ocupar o centro da tal meia-concha, a coisa piorou. Moldada em bronze por Honório Peçanha, com quatro metros de altura e 1.500 quilos, a figura do ex-presidente foi impedida de subir ao pedestal. É que, diziam os boatos (e os militares), lá em cima o presidente seria o martelo que faltava à foice. E a estátua ficou pendurada enquanto generais e coronéis decidiam se botavam abaixo ou não a tal foice.

“Ficamos naquela coisa de sobe estátua, desce estátua. Vários dias. O Juscelino ficou pendurado, deitado, de todas as maneiras, sem poder subir a estátua”, recorda Heliodoro. Irritado, o então presidente João Figueiredo bateu o martelo e ordenou que subissem a estátua. “A história era que o sol, quando batia, projetava uma sombra que parecia uma foi-

ce e o Juscelino era o martelo dentro da foice. Uma babaquice”, afirma Carlos Magalhães, na época diretor do escritório de Niemeyer no Rio de Janeiro.

O fato parece banal, mas quase impediu a abertura do espaço que abriga a história do mineiro visionário. São 5.000 m² preenchidos por fotografias, documentos, mapas, vídeos e objetos pessoais de Juscelino Kubitschek. O acervo da reserva técnica conta com 23 mil fotografias que estão sendo restauradas por técnicos do Arquivo Nacional. “Quero fazer uma exposição dessas fotos no final do ano, porque algumas delas nunca foram mostradas”, adianta Ana Christina Kubitschek. Presidente do Memorial, a neta de JK informatizou o acervo do monumento no ano passado e recuperou momentos históricos, como o último discurso de Juscelino no Senado antes da cassação dos direitos políticos, em 1964. O texto agora pode ser ouvido pelos visitantes.

No ano passado, Ana Christina resolveu incrementar a estrutura do Memorial e deu início à reforma do prédio. Instalações elétricas e hidráulicas foram refeitas, arquivos foram informatizados e documentos restaurados pelo Arquivo Nacional.

Ana Christina também comemora o público, que hoje passa de 80 mil visitantes por ano. “São, na maioria, alunos de escolas públicas e privadas, porque temos convênios”, explica Cirlene Ramos, diretora de eventos do Memorial. As visitas escolares são uma forma de levar adiante o projeto de dona Sarah.

PAINEL E VITRAIS

No salão negro do primeiro andar, uma câmara mortuária com painel de Athos Bulcão e vitrais de Mariane Peretti abriga os restos mortais do ex-presidente. Mais adiante, a história da caminhada para a construção de Brasília. De menino seresteiro em Diamantina à carreira de médico e político, todos os passos de Juscelino estão contados no primeiro andar do Memorial, administrado pela Sociedade Civil Memorial JK com verba de R\$ 69 mil mensais repassada pelo Governo do Distrito Federal.

No térreo, duas salas guardam preciosidades. Uma delas traz a biblioteca original de JK, a mesma montada no apartamento do Rio de Janeiro até 1981. “Foi construída exatamente como era no apar-

tamento. Os três mil volumes estão na mesma posição, os móveis também, o sofá. As estantes são as mesmas. Os livros, a gente fez um mapa, o marceneiro desmontou e, lá (no Memorial), colocamos na mesma posição”, garante a arquiteta Maristela Lopes, filha do ex-presidente e uma das fundadoras do monumento. Ao lado da biblioteca está uma pintura de corpo inteiro de Juscelino fardado para a inauguração da capital. Quem assina é Cândido Portinari.

Grande parte do acervo foi retirado do Museu da República, no Rio de Janeiro. Fundado pelo próprio JK, no Palácio do Catete, logo após a transferência da capital para Brasília, o museu guardava objetos pessoais do ex-presidente. O resto dos documentos, medalhas e fotografias, Maristela recolheu no escritório do pai na Manchete, uma sala cedida por Adolfo Bloch ao amigo Juscelino que voltava do exílio. “Fotografias e documentação foram depois sendo enviadas por pessoas amigas. No mês passado, meu primo Sérgio Vasconcelos fez uma doação que é o desenho do estudo do quadro do Portinari”, comemora Maristela.

Foi ela, juntamente com a irmã Márcia, a companheira de dona Sarah na criação do Memorial. A idéia surgiu alguns meses após a morte de JK. “Um dia, estávamos na fazenda e dona Sarah de repente falou: ‘Vou fazer um memorial para o Juscelino’”, lembra Carlos Murilo, primo do ex-presidente. Dona Sarah saiu então em busca de um terreno. Queria comprar e mandar erguer a homenagem. “Pensamos em fazer ali perto da Ermida Dom Bosco. É um lugar afastado, calmo, não chama muito a atenção. Mas não conseguimos comprar o terreno. Dizem que o Golbery (*do Couto e Silva*) travou o negócio”, continua Carlos Murilo.

Quando Figueiredo ficou sabendo da dificuldade, mandou chamar dona Sarah e ofereceu a ela o terreno. “O Figueiredo, que já vinha influenciado pelo (ex-presidente Ernesto) Geisel para fazer a abertura, queria demonstrar de todas as maneiras que ele estava empenhado”, avisa Heliodoro, que dirigiu o Memorial entre 1981 e 1994.

Afinal, era curioso que um governo militar celebrasse o mesmo personagem cujos direitos políticos havia cassado em 1964. Das cinco opções apresentadas pelo então presidente, dona Sarah preferiu o terreno ao lado da cruz onde foi rezada a primeira missa da capital. De lá, um dos pontos mais altos da cidade, a estátua do presidente ficaria de frente para Brasília e saudaria a capital que construíra.